

“BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS TÊM HISTÓRIA”: CONTRIBUIÇÕES DE PRÁTICAS DE LETRAMENTO NOS ESTÁGIOS PARA A FORMAÇÃO DO FUTURO PEDAGOGO¹

Nayana dos Santos Raimundo²

Flávia Barbosa de Santana Araújo³

Introdução

Neste texto serão apresentados os resultados referentes às atividades desenvolvidas no estágio curricular obrigatório da disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica IV (PPP4) do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). As regências foram desenvolvidas na Escola Municipal Jader Figueiredo de Andrade Silva, com uma turma do 1º ano do ensino fundamental, no período matutino. A turma do 1º ano B da manhã tem 18 alunos com a faixa etária entre 6 e 7 anos. A maioria da turma está alfabetizada, mas alguns ainda apresentam dificuldades na escrita, enquanto outros conseguem acompanhar com mais facilidade o planejamento da professora, o que seria uma participação mais ativa.

O estudo tem como objetivo investigar as práticas de letramento no ensino fundamental para a formação do futuro pedagogo. Além disso, pretende-se analisar mais especificamente como o letramento fraco e forte estavam presentes nas práticas pedagógicas da docente observada e as contribuições das práticas de letramento na formação do futuro pedagogo durante os estágios para os docentes.

Metodologia

O presente estudo consiste em uma pesquisa etnográfica, realizada durante os estágios, utilizando dados coletados no âmbito escolar. A partir dos referenciais teóricos, foram realizadas observações e regências numa turma de 1º ano do ensino fundamental. Além dos dados coletados durante as observações e regências, usamos toda a documentação da entidade a que tivemos acesso: reuniões, fichas de matrícula dos alunos. Entrevistamos, também, pessoas que atuam na escola como educadores e uma pessoa que atua na coordenação. As entrevistas foram por representatividade qualitativa, ou seja, foram escolhidas pessoas de acordo com a importância ou relevância que elas tiveram durante o estágio de regência abordado.

Desenvolvimento

O conceito de letramento surgiu no meio acadêmico como uma maneira de distinguir os estudos sobre o impacto social da escrita dos estudos sobre alfabetização. Conforme Rojo (2009), o termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou

¹ Estudo referente aos resultados das atividades desenvolvidas no estágio curricular obrigatório da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica IV, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

² Licencianda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

³ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

globais, recobrando contextos diversos. Letramento é uso social da escrita em suas diferentes finalidades.

Já os eventos de letramento, como nomeia Street (2003 apud ROJO, 2009), são todas as práticas que envolvem o uso da leitura e da escrita. É a partir das práticas sociais de letramento que exercem em diferentes contextos de suas vidas que os sujeitos vão constituindo seus níveis de desenvolvimento de leitura e escrita.

Rojo (2009) apresenta uma distinção feita por Soares (1998) sobre uma versão fraca e uma versão forte do conceito de letramento. A versão fraca “[...] estaria ligada ao enfoque autônomo de letramento, é neoliberal e estaria ligada a mecanismos de adaptação da população às necessidades e exigências do uso de leitura e escrita, para funcionar em sociedade.” (SOARES, 1998 apud ROJO 2009, p. 99). Já a versão forte de letramento “[...] estaria mais próxima do enfoque ideológico de letramento, na medida em que colaboraria não para a adaptação do cidadão às exigências sociais, mas para o resgate da autoestima, para a construção de identidades fortes [...]” (SOARES, 1998 apud ROJO 2009, p. 100). Ambas as versões, tanto a fraca quanto a forte, estão presentes nas práticas escolares de letramento.

O modelo ideológico considera o letramento como um evento que não se desvincula do contexto cultural e social dos quais ele emerge, sendo um modelo que oferece uma visão com maior sensibilidade cultural das práticas de letramento, na medida em que elas variam de um contexto para outro, de acordo com Street (2003 apud ROJO, 2009). Para o modelo ideológico, segundo esse autor, o letramento jamais pode ser encarado como uma habilidade neutra, pois está sempre refletindo os princípios epistemológicos socialmente construídos que o envolvem.

Já Oliveira (2009) aponta que, independentemente do seu grau de letramento, todos os indivíduos de uma sociedade possuem algum conhecimento sobre a escrita e seu uso em práticas sociais, pois as pessoas sabem reconhecer a função de cartas, bilhetes, jornais, revistas, etc. Tanto a criança que chega à escola quanto o calouro que chega à universidade já trazem consigo um letramento anterior que deve ser encarado como ponto de partida para o desenvolvimento de novas práticas de leitura e escrita nas esferas escolar e acadêmica. Dessa forma, na escola onde fizemos a regência analisamos o modo de escrita e abordamos o letramento com os alunos em todas as aulas. Foi durante as práticas de regências que se percebeu que o letramento é um ponto de partida para o desenvolvimento dos alunos.

Resultados e discussões

O plano de ensino teve como eixo organizador “tempo, memória e história local” e o tema foi “brinquedos e brincadeiras tem história”. A primeira aula, intitulada “brincadeiras de ontem e hoje”, não foi iniciada de acordo com o planejamento, mas com uma apresentação coletiva de todos os que estavam presentes na sala. Depois disso, seguindo o roteiro do plano de aula, pedimos para que eles falassem quais eram as suas brincadeiras preferidas e conversamos sobre as brincadeiras que os pais e os parentes deles brincavam. Como é necessário fazer uma solicitação para usar o Datashow e afins, contamos a história da amarelinha, da cabra-cega e do cabo guerra mostrando as imagens numa folha A4 convencional. Como a sala é pequena, todos conseguiram enxergar e nem foi necessário passar o papel de mão em mão.

Outra alteração veio logo em seguida. De acordo com o plano, iríamos formar duplas e realizar a entrevista pela escola, mas na prática isso não foi possível, visto que a turma era bastante agitada e não teríamos condições de sair da sala com eles. Então, de acordo com as respostas do primeiro momento, à medida em que iam falando, íamos escrevendo no quadro e posteriormente pedimos para que copiassem as palavras no papel da entrevista, que foi entregue

a cada um. Esse momento, de retirar as 12 palavras do quadro e copiar o comando “marque um X nas brincadeiras que os seus familiares brincavam na infância”, foi muito lento, demorou bem mais do que esperávamos, a ponto de irem para o recreio e só concluírem na volta. Essa entrevista, portanto, foi levada para casa para ser realizada com os pais. No outro dia, trouxeram essa atividade respondida. Após isso, com o auxílio deles, fizemos as representações de algumas brincadeiras citadas.

Na segunda aula, iniciamos com perguntas sobre brincadeiras e brinquedos da cultura indígena, desenvolvendo a linguagem oral e descobrindo as cargas culturais que os alunos agregam a partir de viagens e aula acerca desse assunto. Logo após, teve a leitura de um texto sobre como a cultura indígena produzia seus brinquedos, e imagens de algumas brincadeiras. Produzimos cartazes com as imagens das brincadeiras e depois escreveram no quadro o nome de cada uma. Depois do intervalo retornamos à sala e fizemos um ditado estourado com os nomes das brincadeiras indígena e pedimos para eles soletrarem na frente dos colegas de classe e escrevessem os nomes das brincadeiras em uma folha que distribuimos aos mesmos. Para melhor contextualizar esses nomes as crianças procuraram no caça palavras os nomes das brincadeiras indígenas e assim, melhor fixando o assunto abordado na regência.

Na terceira aula, questionamos, logo no início, a existência de brinquedos femininos e masculinos, pois o tema foi “brinquedos de meninos e de meninas”. Conversamos sobre esse assunto, já que houve divergências com as respostas, e fizemos a leitura de um trecho do livro “Menino brinca de boneca?” de Marcos Ribeiro. Ao final da leitura, fizemos os mesmos questionamentos para saber se alguém tinha mudado de opinião e a surpresa foi positiva. O próximo passo foi entregar um caça-palavras, e, novamente, houve muita demora na realização. Pedimos também para que separassem as sílabas das palavras encontradas no início da folha, mas essa tarefa demandou tanto deles que só foi concluída no final da aula, não possibilitando a realização de mais nada do que estava planejado.

Na quarta aula, abordamos as regras de brincadeiras da cultura indígena, trabalhando a linguagem oral dos alunos, através de dúvidas sobre como são algumas regras de brincadeiras brasileiras, e assim, dialogando uns com os outros. Também, trabalhamos o gênero instrucional para as regras das brincadeiras. Após esse momento, iniciamos explicando que seria produzido um brinquedo indígena com os alunos, levando um texto instrucional de como brincar com a peteca e começar a produção. Primeiro, todos fizeram uma bolinha de papel para colocar dentro da peteca; depois recortamos com ajuda deles o TNT para cobrir a bolinha da peteca, e amarramos com cordão também de TNT para fechar a nossa peteca e depois brincamos com a mesma. Também, teve momento que colocaram o nome peteca em uma folha ofício colorida e decoraram de forma livre.

Dessa forma, foram abordadas diversas atividades de letramento, e durante a realização de tais atividades era perceptível a distinção entre letramento fraco e forte, através da dinâmica de aprendizagem na sala do 1º ano do ensino fundamental. A investigação da prática docente é fundamental, bem como a construção dos saberes docentes de futuros professores durante os estágios. Para Tardif e Raymond (2000) a experiência é muito mais do que uma categoria para representar os saberes dos professores; ela se constitui, na verdade, como “o núcleo vital do trabalho docente”. Sendo assim, chegamos à constatação de que o saber da experiência é de certa forma o alicerce que sustenta o trabalho cotidiano do professor. Aliar tais saberes a exploração de atividades de letramento pode contribuir significativamente para a formação do pedagogo.

Considerações Finais

Durante a realização do estágio, foi assumido o desafio de buscar o desenvolvimento pessoal e profissional através das experiências vivenciadas. A contribuição da equipe da escola e, principalmente, dos alunos, foi de suma importância para que isso acontecesse. Somando, também, as aulas na universidade e toda a bagagem teórica adquirida ao longo desse período, consideram-se enriquecedoras as vivências no âmbito escolar. A experiência na sala de aula nos fez perceber que precisamos estar sempre atentos a todos e que é preciso ter sempre um plano reserva. A aula, por mais que seja planejada, acontece na prática. Portanto, levando em consideração tudo o que foi aprendido, espera-se contribuir para o campo educacional, da mesma forma que essa experiência contribuiu para a nossa formação pedagógica durante o estágio.

Referências

OLIVEIRA, Eliane Feitoza. **Letramento acadêmico**: principais abordagens sobre a escrita dos alunos no ensino superior. Campinas/SP, IEL/UNICAMP, 2009. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/1113.pdf>>. Acesso em: 07 dez.2018.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, vol. 21, n. 73, dez. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2019.